

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

LUTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.481
Sábado, 22 de Setembro de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 33-A, 2.º e 3.º Andares—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Chegaram ao Porto mais 100 crianças de São Pedro da Cova, que tiveram uma grandiosa e terna recepção.

ALMOÇO

EM TORNO DUMA VIOLÊNCIA

Três meses de condenação, sem sentença! Os mineiros de São Pedro da Cova

O director da Companhia mentindo destacadamente
Três médicos do Porto oferecem-se para tratar gratuitamente as crianças que careçam dos seus cuidados; um farmacêutico disposto a fornecer medicamentos; alguns industriais desejam ensinar ofícios aos que possam trabalhar

O abuso do poder cometido pelo sr. António Maria da Silva não se dirige contra açambarcadores, não flagela imoralidades, não bate forte qualquer injustiça. Não, O sr. António Maria da Silva usou daquela incomensurável porção de poder pessoal que a ficção democrática autoriza para atingir ope-
rários.
O gesto do sr. António Maria da Silva, no que ele tem de vingativo e cobarde recorda-nos sempre o explendor físico dum gigante agredido a terna debilidade duma criança; e a pata dum elefante sob o corpo infinitamente pequeno duma mosca. O que ele encerra de vingativo recorda-nos uma história de Tolstoi: um mingido que podia esmola recebeu um dia por resposta ao seu humilde pedido a pedrada insolente dum grande senhor. Essa pedrada nunca abandonou a memória do pobre, e a pedra que recebeu foi por ele conservada cuidadosamen-
te. Um dia os papéis invertiram-se: o pobre passou a senhor, o senhor rolou na mendicância. En-
contram-se um dia: o ex-senhor pedindo esmola e o ex-mingido feito senhor. O ex-mingido puxa da pedra, para lhe arrojá-la, mas detém-se a tempo reflectindo: odiava-te quando eras poderoso, agora lamento-te porque o deixaste de ser. E a pedra não lhe saiu da mão.
Mas, os operários presos nunca humilharam António Maria da Silva. A pedra do Tribunal de Defesa Social não foram eles quem a arrojou. Porisso a vingança é estúpida, porisso o gesto é co-
barde.
Os operários em S. Julião da Barra vivem angustiadamente há três meses sofrendo a depressão moral duma grande injustiça.
Três meses rolaram lentamente sobre o seu encarceramento. E, contudo, ainda hoje os presos es-
tão na ignorância dos delitos que, embora falsamente, possam ser susceptíveis de incriminação.
O processo é sumário, o critério é jesuítico. Prende-se por suspeita, acusa-se por suspeita. E diante deste termo: «suspeita» estão longos dias, cercados da liberdade, à margem da vida livre, à margem da família e do trabalho algumas dezenas de operários.
Uma longa prisão, sem culpa formada, equivale a uma condenação sem julgamento nem sentença. Porque delito foram condenados a prisão os que se encontram em S. Julião da Barra? Nenhum, a não ser que constituísse delito encontrarem-se em liberdade quando se deu o atentado no Tribunal de Defesa Social. Nesse caso o delito não é apenas dalgumas dezenas de homens. É também o delito de seis milhões de habitantes que se encontravam e ainda se encon-
tram em liberdade. Por quanto tempo estão condenados, sem julgamento nem sentença, os homens que se encontram em S. Julião da Barra? Não o sabemos. O que é certo é já terem cumprido três longos meses. A sua prisão é do sr. António Maria da Silva, o seu carcereiro é o sr. António Maria da Silva, o seu juiz é ainda o sr. António Maria da Silva.
O chefe do governo, torna-se, a respeito dos presos, silencioso como uma esfinge. E do silêncio esfingico não sai, apesar dos clamores dos que presam a justiça, do sofrimento dos que perderam a liberdade e a dor das famílias de que os presos foram violentamente apartados.
A solidariedade operária que tem sabido manifestar-se, não deve esmorecer. Porque se tal facto se der a sorte das vítimas de António Maria da Silva será ainda mais trágica. A sorte delas e a das suas famílias.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Astro rei e satélite

A inteligência crítica do número de ontem do *Mundo* foi monopolizada pelo sr. Eugène Lantier, cidadão francês, director actual do *Homme Libre* e jornalista adestrado. Segundo o colaborador do *Mundo*, sr. P. M. é, e talvez, no momento actual, o maior jornalista da França. Talvez por esta opinião se partilhada pelo aludido jornal é que Lantier ontem dava cartas no artigo do sr. P. M. e emprestava bons truques ao «lundo» do sr. Oarçón. Não há dúvida que Lantier foi um sol que deslumbrou. Que admira que o *Mundo* girasse à sua volta num movimento de translação a quatro colunas?

Liberalissimo

Primeiro de Rivera proibiu formalmente a saída de jornalistas do território espanhol. O apoio que ele diz ter na imprensa, está todos os dias oferecendo provas inequívocas. A censura traz largos cortes nos jornais. O que é curioso é Primeiro de Rivera proibir a liberdade de escrever e não deixar os jornalistas abandonar o país. E' que os jornalistas podem fora da Espanha escrever, falar, e ao menos lá eles não escrevem nem falam. Muito liberal...

Crítica áspera

Duma longa carta ontem recebida publicamos o seguinte trecho, por ser íntimo retrato de crítica acerba em que se não fazem ataques jocosos a individualidades. Refere-se ao Teatro Nacional:
«Seria divertido investigar-se da paternidade do elenco artístico do Nacional saído por um dos alcapões da reforma. São numerosas as razões que impediram o elenco. Numerosas e escaudadas. A arte, pobre querida, possui uma enorme capa. Se a capa caísse e a verdade nua e crua saísse, seria muito que ver. E coisas tais dum tanto grande horror inédito que as mentes virtuosas da minha rua corariam de pudor e muitas avós fugiriam de acoites as retinhas que declamavam, embora, com gáudio dos papás, um monólogo de peça histórica...
E bem nacional o teatro, é bem nacional o elenco, Mas o que há de nacional na nossa admirável pátria é o que não quero nem devo descrever. Não vá o sangue da face das tais meninas omper a epiderme e faltar abundante...»

Palavras, palavras

«E agora — disse há dias Primo de Rivera aos jornalistas — vamos sonhar com a grandeza da Espanha. Desde então para cá aquele Primo, vergonha da família, não fez outra coisa senão falar — falar alto de noite, visto que deve estar a esta hora sonhando com a grandeza da Espanha...»

Logio em boca própria...

O presidente da república ao abrigo do artigo 27 do regulamento das ordens militares portuguesas agradeceu a Gran-Cruz da Torre Espada ao presidente do ministério sr. António Maria da Silva em atenção aos serviços por ele prestado ao país e à república. A Torre podia ser a de São Julião da Barra onde sofrem os presos, suas vítimas. A espada está a calhar, a das suas represálias.
Como documento da cretina vaidade ficará este curioso galardão dum indivíduo se conceder a si mesmo. O facto de serem tomados em conta os seus serviços prestados ao país não deixa de ser gracioso.

Trabalhadores

EDE-A BATALHA.

NÃO HÁ PERIGO

Primo de Rivera

fala muito e age pouco: na sua verbosidade — está a salvação da Espanha —

O partido republicano robustece as suas fileiras

A *Batalha* publicou ontem um «real decreto» espremido da cabeça de Rivera contra o separatismo. Tem sido fértil o ditador em gestos agressivos contra o sentimento separatista que anima algumas províncias espanholas. A sua inteligência limitada de militar profissional não possui a faculdade da previsão e julga que as ideias e os sentimentos se aniquilam pela violência.
Os sentimentos e a propaganda separatistas são por esse decreto considerados atentórios da unidade da pátria. E' este critério intolerante que dita várias penalidades revoltantes que vão até à pena de morte.
Por medidas destas se avalia das qualidades políticas do Primo que, dizendo exteriorizar a vontade do povo, atenta contra os sentimentos mais íntimos duma grande parte da nação.
Não se cansa Rivera, como bom espanhol, de falar. Parece-nos que a salvação da Espanha está precisamente no facto de Primo de Rivera falar muito e agir pouco. Porque se ele realizasse tudo o que tem dito que fazia decreto já não haveria um único espanhol em toda a Espanha — nem mesmo um Primo de Rivera.
O ditador, a quem os actos de Mussolini fizeram tanto mal, coitador, é uma bela figura de ridículo. Falta na nossa época um Cervantes para o immortalizar.
Os dias vão passando e pouco a pouco as forças adversas vão tomando alento, o ar vai-se tornando irrespirável em volta do «grande homem». O partido republicano que pouco valia em Espanha está-se robustecendo. Algumas figuras de prestígio e inteligência na política do país vizinho a ele deram a sua adesão.
Primo de Rivera, profundamente reaccionário e despota, pretendendo inaugurar uma época de regressão bárbara, parece-nos que provoca um avanço mais forte, mais consistente do todas as ideias liberais. O reaccionário, pois, será o cozeiro da reacção.

Ramiro de Maetzu, adere... e acusa Primo de Rivera de caluniador

MADRID, 21.—Ramiro de Maetzu, o conhecido escritor foi nomeado secretário geral do Directório. Interrogado pelos jornalistas, declarou que tinha uma grande fé no saneamento moral e reabilitação do país, executado pela reunião dos novos governantes e que bastava isso para se interessar pelo movimento sem querer saber se se tratava de militares ou de civis.

Primo de Rivera fala, fala, fala...

MADRID, 21.—Primo de Rivera esteve esta manhã no Palácio e à saída, fez as seguintes declarações: «Apresentei hoje a sua magestade uma real ordem circular que vai ser enviada a todos os ministérios, afim destes darem conta das comissões oficiais que se encontram actualmente no estrangeiro, tanto civis como militares, explicando detalhadamente o tempo da sua permanência nos diferentes países, o dinheiro que receberam, etc. Como lhe pergunhassem o que havia acerca de Marrôcos, responderam, por hoje nada poder dizer, mas assegurou que antes da conferência de Tanger, a atitude do governo estará definitivamente definida.

Santiago Alba recomenda a abstenção...

BRUXELAS, 21.—Alba, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros da Espanha recomendou aos seus amigos que se conservem actualmente fora dos negócios públicos, visto que não desejam ter a menor responsabilidade até na oposição do governo.

Ex-deputados que aderem ao partido republicano

MADRID, 21.—Os ex-deputados Sirvala, Lanigo e Assumpción del Val aderiram ao partido republicano. Consta que outros parlamentares tomarão esta atitude, entre eles um deputado conservador com certo destaque na política espanhola.

Lêr na 4.ª página: Agenda de «A Batalha».

UM GESTO INÍQUO

Estupidez e provocação

Que o incitamento vem do alto, ninguém o ousa negar, e inúmeros casos cotidianamente o comprovam.
Agora é a afronta feita aos ferroviários do Sul e Sueste, ordenando prisões de elementos que o ministro do Comércio mandara chamar para deliberar sobre as suas reclamações. Miguel Corra, incommunicável numa esquadra, não é afronta feita a um homem, mas sim a uma classe. Ele pertence à Comissão de Melhoramentos, a essa Comissão que estava tratando junto do titular ministerial acima citado, as reclamações que os ferroviários do Estado formulam.
Coincide a sua prisão com os boatos de greve ferroviária, que nos últimos dias tem circulado. A prisão é, pois, preventiva; obedece, na aparência, ao desejo de se evitar que as comunicações ferroviárias com parte da Estremadura, Alentejo, todo o Algarve cessem.
A diligência policial praticada, embora por diversos aspectos, produz sempre a mesma e inevitável conclusão: estupidez, provocação.
Estupidez, porque a prisão dum homem não tem o poder de evitar uma greve. Uma greve é um fenómeno de natureza colectiva, gerado por uma série de motivos que actuam sobre uma determinada classe. A prisão dum indivíduo não pode deter o gesto dum classe. De resto, os ferroviários do Sul e Sueste, já por diversas vezes tem provado o que vale, o que pode a sua magnífica energia colectiva.
Examinemos agora a violência sob o que ela contém de provocação.
No momento em que uma classe se encontra excitada sob o peso de duras injustiças, injustiças cometidas por um nulos incompetentes e pretenções, sejuntinhos que o vento dum revolução expulsa para o Conselho de Administração do Sul e Sueste, nomeia, a convite dum ministro, os seus delegados, que a polícia fragmenta a Comissão, colocando na prisão e na incommunicabilidade um dos seus componentes.
A provocação é visível, é directa.
E são estes homens, que provocam milhares de indivíduos, os que tem o encargo triplo de governar, ministrar e equilibrar o país!

NA ALEMANHA

Greve geral em Baden

BERLIM, 21.—As organizações comunistas estão fazendo novos esforços para continuar com a greve geral em Baden superior. O movimento está tomando cada vez mais acentuadamente um carácter político.

O poder da solidariedade

Como se anula uma prepotência
Estiveram ontem em Casa Branca dois agentes da P. S. E., que ali foram com o encargo de prender o ferroviário Francisco Zorro e Margelino da Costa. Bem se afiguraram os zelosíssimos agentes em encontrar Francisco Zorro, pois infiltrados resultaram todas as suas diligências. Em compensação conseguiram deter Margelino da Costa secretário administrativo da delegação local. Os agentes alegaram que ele não ficaria preso, [iria apenas a Lisboa a prestar alguns esclarecimentos ao sr. governador civil... O pessoal reconhecendo a flagrante injustiça de que lá se via vítima o seu camarada, opôs-se energeticamente declarando que se ele não fosse posto em liberdade o comboio não seguiria para Lisboa. Os polícias em face da atitude enérgica do pessoal não tiveram outro remédio senão regressar a Lisboa, mas sem o preso.

Se a semelhança do pessoal ferroviário de Casa Branca procedesse todo o proletariado outros seriam os seus destinos.

SOLIDARIEDADE HUMANA

Os mineiros de São Pedro da Cova

O director da Companhia mentindo destacadamente
Três médicos do Porto oferecem-se para tratar gratuitamente as crianças que careçam dos seus cuidados; um farmacêutico disposto a fornecer medicamentos; alguns industriais desejam ensinar ofícios aos que possam trabalhar

PORTO, 20.—O director da Companhia das Minas de São Pedro da Cova, João Henrique Cordeiro, deu-nos missiva num jornal diário de esta cidade. Para dizer verdades, de forma a convencer o público e a desazer a impressão de revolta, que já germina em todos os espíritos, contra a exploradora empresa carbonífera? Não. Para argumentar com falsidades.
Deve ser essa a doutrina que o abade lhe tem ensinado, em nome de Cristo... Na sua interessante carta, e escrita num português lacónico, o endiabrado director, respondendo a um pretenso empregado que informara o «Jornal de Notícias» estar a Companhia resolvida a dar 600 contos anuais ao pessoal, declara não ser isso verdade. O aludido empregado superior o que deveria ter dito o contrário.
A Companhia, coitada, está explorando em sério, isto é, está em exploração deficitária, não ganhando para o palácio de castanhas ou para um refrigerante na cervejaria Sá Reis. A Companhia mantém os seus serviços simplesmente para beneficiar os mineiros, porque é generosa porque é humanitária. Se não fôra o muito amor que sente pelos seus explorados, mandava fechar as portas dos seus escritórios; atulhar as minas; vender ao quilho o ferro das suas ferramentas e dos seus maquinismos; despedir o seu pessoal superior, que auferia mensalidades chorudas; dispensar os seus directores e engenheiros, que cobram estipêndios e gratificações principescas; licenciar o abade, que recebe todos os meses centenas de escudos, luz e lenha; etc., etc. Tudo aquilo é uma pobreza franciscana para os graduados e uma riqueza incalculável para os miúdos, para os que, de verdade, trabalham bestialmente debaixo de todos os perigos de morte, raro sendo a semana, raro sendo o mês, que se não registre um lamentável desastre...
Peço a vocês, e a quem, hipócritamente, desmentem, a entender o mágico, lo director, Segundo ele, a pauperizada Companhia vê-se-se em «alpos de uranha» para conseguir recursos com que pague os 600 contos, se ela os tivesse de dar como aumento de salários.
Tadinha! ela nunca agravou ao preço do carvão, nunca melhorou as suas receitas explorando o público, embora desgraçado mineiro todas as horas, todos os minutos, todos os segundos estejam a ser satisfeitos... na sua fatura de fome...
Mas o tufanismo sobe de ponto, quando o director quer fazer crer que a situação do pessoal mineiro e anexo torna desnecessário aquele aumento de ordenado! Ainda o abade diz que há leus... Se não fosse uma flagrante intrigue, esse deus, ou esse diabo, mandava um raio dos céus, que lhe partísse as mãos, que lhe estorpeasse a cabeça que as inspirem e as force a trazeir aquelas gatafeiras de falsidade — salvo se estivesse o bífrente ao abrigo daquele produto científico e frankliniano que desafia as cóleras etéreas...
A situação excelente dos trabalhadores das minas, hoje, vê-la, examinada, estudo-o o povo do Porto nos pobres filhos das fés desprotegidos, uns com camisas rotas, outras mesmo sem elas, descalços e muitos, a maior parte, sem casacos...
Seria porque os desgraçados mineiros, para atenuarem as dificuldades resultantes da greve, puzeram no preço as fatiadas de seda dos seus entes queridos? O nosso director Cordeiro poder-nos há indicar quais são essas casas de penhor onde estão empenhados os fatos e os vestidos luxuosos dos filhos dos mineiros, comprados com o dinheiro da Companhia?
Ele é o diz...
E então o sacrilego, na persuasão de que ilude o público, manda-o a estudar, verificar a S. Pedro da Cova a situação económica dos seus operários, a fim de se certificar em como eles estavam regularmente pagos com uma média de 4850 por dia, depois dos 50 %, concedidos, como o velhaco afirma, pela antiga direcção...
Sim, o povo veria a miséria que vai nos lares das centenas de famílias de S. Pedro da Cova, veriam como as camas de muitas delas é no chão, onde todos dormem numa promiscuidade revoltante. Sim, veria quais as suas roupas mobiliadas de pau preto, quais as suas longas de Sérvos, quais os seus berços dourados, quais as suas salas de jantar, de espera, de fumo, de jôgo, quais os seus quartos de dormir e de banho; e quais as suas garages para suntuosos autos...
Sim, veria tudo isso e como a hipocrisia humana está a reclamar um bom lanifreio pelo costado abaixo...
O mesmo indivíduo afirma que, sem ninguém pedir, a Companhia dera há pouco tempo um aumento de 50 %. Ainda mesmo aqui se mente. Dera, sim, qualquer coisa, mas não somente para evitar a reclamação, visto que sonbera que os mineiros se organizavam para fazerem valer as suas aspirações.
Aquele esmola voluntária e desigual, para lhe conseguir a divisão do pessoal; levou ronha, truce, veneno. Mas não era com dez réis de mel coado que

Peios Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

A moral e a competência dos dirigentes

Continuando a enumerar a série enorme de factos abusivos dos dirigentes dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, começarei, em primeiro lugar, por este, que o julgo interessante e que o público apreciará: O engenheiro sr. Pires, militar, chefe do serviço do movimento, em destes dias ordenou que um ferroviário... dos Silvéstas, fosse à caça para lhe arranjar algumas peças, tendo licença para tal. Lá foi o homemzinho por montes e vales em procura dos coelhos e perdizes, não tendo pouca fortuna, pois matou algumas peças.
Chegou, entregou a caça ao seu amo e senhor, e teve dispensa depois para ir caçar para si, em virtude de ser bom atirador. Calculem! etc!
O Estado, de que eles constantemente dizem zelar os interesses, a pagar a um homem para andar os dias que quer à caça, enquanto que os que são *Miguelistas* tem que fazer um trabalho de três, pela grande falta que há de pessoal, que sistematicamente não nomeiam, acrescentando a circunstância de empregados haver que há já mais de oito meses tem pedido a sua licença e lhe é negada. Aprece o público.
No serviço de via e obras (gratosa-gem) mandaram há tempo fazer um grande fossos em ferro e cimento armado, no qual se gastou, aproximadamente, a bonita quantia de 16.000\$000, cujo fôssio iria servir para se construir uma chaminé de tiragem para a casa das máquinas. Até hoje não se colocou a chaminé e o fôssio (os 16.000\$000) vai ser atarrado.
A chaminé de ferro tem estado nos bocados, estando reduzida à metade da sua altura. E' claro, faltando-lhe a altura respectiva, não tem a tiragem suficiente, estragando de poucos em poucos dias um jôgo de grelhas, custando cada uma, aproximadamente, 1.000\$000. Em face disso o empregado dirigiu-se ao Serviço Central e disse para o sr. Cabral, chefe de secção:
«Era conveniente, senhor Cabral, proceder-se à construção da chaminé, porque aquela não está em condições e a administração está ali um dinheirão em grelhas... Dá-me pena!
«Tu ralas-te? Pois eu não; estamos em maré de destruir e como a ordem é para destruir... não me ralo!
«Então é ou não é a ordem de destruição? Mas não faz mal... prende-se o Miguel Correia e está pronto!
Na Grécia há ali a responsabilidade ministerial, e para o provar está o fusilamento, há bem pouco tempo, de 5 ministros. Cá não. Aqui é precisamente o contrário, quasi sempre se faz da seguinte forma, isto quando o escalão é enormíssimo e é conhecido de todo o país:
«Hei por bem exonerar de tal cargo, o e doado fulano de tal, que se houve por bem engrandecer a pátria e república, com zelo, proleciência e acendrado patriotismo». As vezes lá vai também a cruz de Cristo, que é a que os republicanos mais usam agora.
Isto enquanto que o que trabalha e a quem não pagam senão uma infima parte do que devia receber e que por isso às vezes se vê na contingência de subtrair qualquer coisa, ainda que de pouco valor, é um ladrão, vai preso, leva liberdade e dois anos de prisão. Eles não. Nem tem o nome de ladrões; é desialque, é alcança, são negócios não averiguados, etc.
Enquanto eles andam à solta, mandam prender o Miguel Correia, que os tem livrados dos ferroviários os terem corrido por intrusos e destruidores de tudo isto... Um ferroviário.

POR ESSE MUNDO FORA

INGLATERRA

Prêgando no deserto...
LONDRES, 21.—O «Times» em artigo editorial diz que a competência da Liga das Nações para ouvir e resolver todos os pontos do conflito Italo-Grego é em teoria indiscutível. No mesmo artigo se diz que a Liga deve apoiar moralmente todos os pequenos povos e que a sua resolução nesse sentido exercerá uma grande influência moral e de resultados práticos entre as grandes potências. Isto continua o «Times» é comprometedor para o futuro.

Prêgando em contrário...

LONDRES, 21.—Tendo corrido o boato de que o Estado Livre da Irlanda desejaria confiar a delimitação das suas fronteiras com o Ulster à Sociedade das Nações, a imprensa de Ulster declarou-se absolutamente contrária a isso dizendo que a Sociedade das Nações não tem competência para esse fim.

A morte do marco

LONDRES, 21.—O marco desceu a 600.000.000 por libra. Isto é apenas um valor nominal, não se tendo feito transacções sobre esta moeda.

TRANSJORDANIA

Insurreição suprimida
LONDRES, 21.—Notícias recebidas de Jerusalém referentes à revolução de Transjordânia, esclarecem que o dirigente dela foi Oda Effendi que pretendia derrubar o Emir. Este auxiliado por forças de polícia inglesas, infligiu uma derrota aos rebeldes, tendo sido Oda Effendi aprisionado e conduzido para Jorda.

ALEMANHA

Grande Passeio a Setúbal

DE CONFRATERNIZAÇÃO OPERÁRIA
NO DOMINGO 7 DE OUTUBRO
promovido pela Grande Comissão Pró a BATALHA

Um programa repleto de atractivos!
Partida de Lisboa, estação do Sul e Sueste,
às 7 horas; regresso de Setúbal, às 20,30
PREÇO 8\$50

Os bilhetes que restam encontram-se à venda na administração de A Batalha e em casa do contínuo da C. G. T., sendo da maior conveniência, para bom andamento dos trabalhos da comissão, que quem queira adquiri-los, o faça o mais breve possível.

UMA GRANDE INJUSTIÇA

José de Oliveira Cabral, preso injustamente há longo tempo prova a sua inocência

Na madrugada de 24 de Março, do corrente ano, no prédio onde reside o capitão sr. Olival, contíguo ao Depósito Central de Fardamentos, explodiu uma bomba que não desconhecida colocou num buraco que em tempo serviu à instalação duma boca de incêndios.

Por suspeita de ser quem ali a colocou, encontra-se há seis meses privado da liberdade José de Oliveira Cabral, guarda daquele Depósito, onde está empregado há cerca de 18 anos.

Duma longa carta que nos enviou, defendendo-se da acusação que lhe fazem, extraiamos os factos que mais demonstram a sua inocência.

Na ocasião em que a explosão se produziu, José Cabral, depois de feito minuciosamente o serviço de ronda que lhe competia e que lhe fora marcado das 23 às 2 horas da madrugada, acabava de registar a caixa registadora n.º 6, nos armazéns.

Dirigiu-se imediatamente à casa da guarda e, tendo perguntado a um soldado o que se passara, obteve como resposta não saber onde o estorbo se produziu. O cabo da guarda e uns militares que se encontravam próximo, igual resposta lhe deram.

Entretanto, appareceu-lhes o capitão Olival, que informou ter a bomba explodido na sua casa, adjuntando: «isto é para me assustarem, mas não o conseguem».

Dirigindo-se todos ao local da explosão, o Cabral, por estar de ronda, tomou nota da ocorrência e alvitrou ao referido capitão que se comunicasse o caso ao official de serviço, que era o alferes António Dias Ferreira e que a essa hora estava dormindo.

O alvitro foi seguido e o alferes Ferreira tomou por sua vez conta da ocorrência, tendo entretanto apparecido o cabo José Maria Barata e outros civis, um dos quais extranhou que, sem ser visto, alguém podesse colocar uma bomba naquele sítio, ao que o citado cabo respondeu que podiam muito bem fazê-lo vindo pela travessa do Paraiço e escapulindo-se pela mesma travessa.

A's 2 horas, o Cabral foi substituído na ronda pelo chefe dos guardas do Depósito, a quem entregou as chaves, e depois de ter oferecido mais uma vez os seus préstimos ao capitão Olival e alferes Ferreira, retirou-se em direcção a casa, encontrando na embocadura da rua da Verónica o cabo Barata, que, acompanhado dum subordinado, conversava com os soldados de guarda à sucursal da Manutenção Militar.

Com os dois civis seguiu até à rua da Senhora da Glória, donde, despedindo-se deles, seguiu para sua casa, na rua do Sol à Graça.

A's 8 da manhã, apresentou-se no serviço, chamado à presença do official de serviço, este perguntou-lhe se tinha feito as rondas a horas competentes, ao que respondeu afirmativamente, retirando-se em seguida desprocuradamente, porque tinha a consciência tranquila, e prosseguindo no trabalho interrompido.

A's 9 horas o alferes Ferreira comunicou para o Governo Civil o que havia ocorrido de madrugada. Pouco depois compareceram no depósito três agentes da investigação, a quem aquele alferes e o capitão Olival apresentaram as suas suspeitas sobre o guarda da noite, alegando que o relógio registador acusava um pequeno desvio, sendo então detido o Cabral.

Ora, segundo a carta que o preso nos enviou, o desvio notado no relógio registador é um caso muito frequente, que se tem dado até com o próprio chefe dos guardas.

Sendo iniciadas de meia em meia hora, as rondas podem adiantar ou atrasar, porque os guardas nem sempre podem fazer o mesmo percurso, por várias vezes, num igual espaço de tempo.

O cabo Barata, por sua vez, é uma das testemunhas de acusação no processo, tendo declarado no seu depoimento não ter visto na noite da explosão o guarda da noite Oliveira Cabral.

Fez esta declaração — acenou amargamente o signatário da carta — depois de ter jurado, pela sua honra, só dizer a verdade!

Este processo, como muitos outros que dia a dia se instauram, parece vir apenas a conseguir uma vítima, a aniquilar um pobre trabalhador, sem que os seus accusadores, que em frágeis presunções se baseiam, sintam remorsos do crime que praticam.

Há 6 meses que o preso aguarda o veredicto do odioso tribunal de defesa social a que foi entregue. E' tempo de regularizar a sua situação, a não ser que, prevendo que seja absolvido, pretendam por esta forma prolongar-lhe o calvário.

Oliveira Cabral tem ainda, na sua carta, palavras de justa indignação contra o facto, de o agente Eloy Pedro o ter insultado e à sua companhia.

AS GREVES

Pessoal da fábrica Cabeçadas & C.ª Limitada

Um apelo do Sindicato Corticeiro de Belém

A direcção deste sindicato convida todos os corticeiros da área a subscriverem hoje, sábado, com uma cota de auxilio para os grevistas da fábrica Cabeçadas & C.ª Limitada, que há já quatro semanas se encontram em luta com uma firmeza digna de registo.

A direcção, confiada em que este seu apelo seja secundado por todos os camaradas organizados, espera também que os operários da casa Percy Elmes, ao contrário do que tem sucedido até agora, saibam cumprir, desta vez, os seus deveres de solidariedade.

EM ESPINHO

Pessoal da Litografia Brandão, Gomes & C.ª

Encontra-se ainda em greve o pessoal da Litografia Brandão, Gomes & C.ª, de Espinho (litografia privativa da fábrica de conservas do mesmo nome), rogando-se a todos os litógrafos, portugueses ou estrangeiros, que, sejam quais forem as vantagens que os donos da referida litografia lhes oferecem, não aceitem trabalhar para aquela casa, a fim de não traírem os seus irmãos em luta.

Trabalhadores.

Lede a BATALHA

Coluna esperantista

Popula Klubo Esperantista. — Na reunião ontem efectuada para a criação dum curso de leccionadores, os esperantistas, representados num numero animado, resolveram criar o *Popula Klubo Esperantista* (Club Popular Esperantista), destinado exclusivamente aos esperantistas e para a prática do idioma internacional.

Na próxima reunião, que será oportunamente anunciada, serão discutidas as bases do novo organismo.

Espera-se que o P. K. E. inicie a sua actividade no começo do próximo mês.

TEATRO NACIONAL

HOJE

A peça que mais alegra o público a hilariante farça

O Cabeça de Turco

Classes que reclamam

A' classe metalúrgica
NOTA OFICIOSA

A Comissão de Melhoramentos do Sindicato Unico Metalúrgico, se bem que os respectivos industriais ainda não remeteram para a sede do Sindicato, a resposta às circulares que lhes foram enviadas, com a petição de aumento de salário, baseada no súbito e assustador agravamento do custo da vida, mas estando informada, por diversos comissões de fábricas e oficinas, que a maioria dos industriais se recusam a atender a referida petição, alegando as precárias circunstâncias em que se encontra em face da actual crise financeira, que os leva a lutar com dificuldades para arranjar dinheiro com que paguem as faturas aos seus operários, sem contudo deixarem de exigir destes um duplo esforço de produção; tendo em conta que os industriais ao manifestarem essas dificuldades e produzindo as ameaças de redução de dias de trabalho na semana, tem em mira atemorizar os operários e igualmente que estes lhes auxiliem o seu plano no tocante aos apuros de ocasião no que respeita à talia de numerário, situação essa de que os operários não são culpados, mas sim os industriais que há muito vem dormindo sobre os louros colhidos na exploração do trabalho dos produtores, e sabendo que na quasi totalidade das fábricas e oficinas há trabalho em abundância, a maior parte do qual não obedece a encargos de orçamento, por motivo das consecutivas oscilações cambiais, recomenda a todos os metalúrgicos a máxima serenidade e coesão e que sigam atentos a acção desenvolvida pelo Sindicato, a fim de conseguir-se a satisfação da reclamação pendente.

Para isso lembra também a conveniência de não se fazerem horas suplementares nem trabalhar aos domingos, seja a que pretensão for, recomendando igualmente aos delegados de fábricas e oficinas, que instem junto dos patrões pela resposta às circulares.

Para se unificar a acção a desenvolver e trocar impressões sobre a situação actual e ainda para que a Comissão de Melhoramentos tenha conhecimento das condições de trabalho de cada oficina, são convidados a reunir em sessão magna na próxima terça-feira, às 20 horas, na sede do Sindicato, os delegados de todas as fábricas e oficinas metalúrgicas. — A Comissão de Melhoramentos do Sindicato.

Operários gráficos
A comissão nomeada pelas classes dos Compositores e Impressores Tipográficos e Encadernadores e Anexos, que leu a prática o movimento pró-salário mínimo na indústria, apresentou em manifesto o seu relatório e contas, no qual se esclarecem as principais fases desse movimento.

Depois de várias considerações sobre a indiferença de alguns componentes daquelas classes, o manifesto termina assim:

«E' que a época é de egoísmo, egoísmo desmarcado, sordido, e assim não é de estranhar que muitos dos colegas que de momento não eram directamente beneficiados pelo trabalho dos sindicatos, se houvessem conservado como que estranhos ao que em sua volta se passava».

Porém, graças à tenacidade duma minoria de colegas conscientes, desses que habitualmente põem acima dos seus interesses pessoais os das classes a que pertencem, o salário mínimo é hoje uma realidade.

O operário tipográfico, ao desloca-se agora duma oficina, sabe que ao ingressar noutro, desde que seja official, recebe o salário mínimo de 15\$00, que não chega, bem o sabemos, para fazer face às necessidades da existência, mas tem nessa tarifa uma importante conquista de ordem moral.

Tudo aquele colega que se sujeitar, de futuro, a receber, como remuneração ao seu esforço de produtor, salário menor ao que ora está estabelecido, concorrerá para que se anule essa conquista. E anula-la é voltar à situação anterior, em que o industrial, na ansia de explorar os seus assalariados, não hesitava em pagar a officinas como se de aprendizes se tratasse.

Não esqueçam as classes que foi por iniciativa sua que a tarifa de salários negociada com os industriais em 1920 se perdeu, só depois disso tendo compreendido muitos dos operários que contribuíram para que ela desaparecesse a quão ingrata situação ficavam sujeitos.

Não foi possível ainda desta vez conseguir arrancar dos industriais a regalia do pagamento dos domingos e dias feriados. Ela será um facto quando as classes se dispuserem a conquistá-la visto que nunca a classe trabalhadora gosou direitos que não reivindicasse à custa de grandes lutas, às quais em regra não são estranhos penosos sacrificios.

Quando, pois, as nossas classes quiserem é questão de baterem ao ferrão.

Afirm de serem apreciados o relatório e contas e resolver quanto à parte das reclamações que não foram conseguidas, reúnem na próxima terça-feira, 25, pelas 20 horas, na rua António Maria Cardoso, 20, 1.ª, em assembleia magna, as classes dos Compositores, Impressores Tipográficos e Encadernadores e Anexos.

Os ferroviários da C. P. effectuam na terça feira uma sessão magna

Apesar das sucessivas demarches realizadas junto da Companhia e do governo pelas respectivas comissões dos ferroviários da C. P.; apesar da memorável manifestação junto do Conselho Administrativo e das imponentes assembleias magnas do pessoal que patenteiam duma forma eloquente e significativa a sua razão e a sua vontade, a Companhia e o Governo responderam com o maior desprezo às reclamações justas que lhes tem sido apresentadas.

Em vez de atender como deviam, provocam uma numerosa classe que vive na miséria, pois os seus insignificantes salários a isso a reduzem.

Do manifesto que os corpos gerentes do Sindicato fizeram publicar, transcrevemos os seguintes períodos:

«Pretendendo liquidar a questão económica, o que não pode ser consentido pela classe, da forma como o fizeram, sem que o seu enérgico protesto se faça ouvir retumbantemente por todo o país, fingiu esquecer que a questão moral nem sequer foi incluída na Ordem n.º 931».

Tem a palavra, pois, a classe; ela que sofre devidamente, ela que quem sofre todas as consequências duma vida de miséria e opressão, que resolve de conformidade com a sua dignidade e a sua vez ofendida, por quem tinha o dever de respeitá-la.

Falei, portanto, os ferroviários, mas de forma activa e eloquente, visto que ainda não os quizeram ouvir, conquanto o seu grito já tivesse sido unânime e retumbante!

Estão-se realizando reuniões em toda a linha; elas traduzirão certamente a vontade da classe; é necessário, porém, que se complete essa demonstração.

Deve, pois, a classe accorrer à reunião magna que se realizará no dia 25 do corrente, pelas 20,30 horas, no Teatro Gil Vicente, à Graça, com a seguinte Ordem dos Trabalhos:

1.º — Analisar o actual aspecto da questão. Tomar deliberações consentâneas com o mesmo e de conformidade com as aprovadas na última Assembleia Magna.

2.º — As delegações enviarão delegados directos, e todo o restante pessoal da linha se deverá manifestar por escrito.

VIDA POLITICA
Federação das Juventudes Comunistas. — Reuniu, tendo entre outros assuntos apreciados as demarches realizadas junto da J. N. J. C. no sentido de se reconstituir a unidade juvenil.

Partido Republicano Radical. — O directório do Partido Republicano Radical protestou ontem pela segunda vez perante o presidente do ministério contra a continuação das prisões de correligionários do Pórt. O mesmo directório também protestou perante o mesmo senhor pela forma incorrecta e hostil como foi recebida pelo governador civil do Porto uma comissão delegada das comissões políticas que o procuraram afim de obterem resposta a uma reclamação que lhe tinha sido feita pedindo justiça para os seus correligionários presos, assim como contra o encerramento das sedes das comissões districtal e municipal e a apreensão dos arquivos políticos das comissões.

O presidente do ministério prometeu providenciar de modo a que justiça imparcial fosse feita e deu ordem para ser aberta a sede das comissões e entregue o arquivo.

Esta resolução foi telegraficamente comunicada pelo directório aos seus correligionários do Pórt.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ
— Vende directamente ao consumidor —
FAZENDAS PARA FATOS DE HOMEM OU SENHORA
— PEÇAM AMOSTRAS —

Teatro São Luís

HOJE

A rainha das mágicas

O GATO PRETO

NO PORTO

Porque os barqueiros e fragateiros reclamaram as 8 horas de trabalho, os armadores proclamam o «lock-out»

Os princípios do mês corrente a Associação dos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro comunicou à Associação dos Armadores Fluviais Reunidos que, de então em diante, as classes suas representadas adoptariam o regime de 8 horas de trabalho, só trabalhando extraordinariamente desde que lhes fossem pagos 50 % por cada hora a mais.

Como abundasse o trabalho, os patrões acataram aquela deliberação durante 12 dias, mas no dia 13, de manhã, uma parte deles, influenciada pela firma Lobo & Freitas, impôs o desumano regime de sol a sol e deu ordens terminantes para que os que não quizessem submeter-se dessem baixa das suas matrículas.

Imediatamente ao ter conhecimento do facto, reuniram os barqueiros e fragateiros no seu sindicato, resolvendo manter as primitivas reclamações, o que levou os patrões a declararem o «lock-out», que de principio foi parcial.

No mesmo dia avistaram-se com o governador civil comissões das partes em litigio, não se tendo chegado a acordo, devido à intransigência do sr. Freitas, que afirmou haver um regulamento official que obrigava os marítimos a trabalhar 63 a 70 horas por semana.

No dia seguinte, uma sexta-feira, a comissão operária apurou, na capitania, que aquele regulamento apenas diz respeito aos marítimos de longo curso, quando em viagem, o que comunicou ao governador civil, apresentando-lhe também a relação das casas que continuavam a dar trabalho nas condições reclamadas pelo pessoal.

A noite, em Vila Nova de Gaia, os sinos tocaram a rebate, o que alvitrou a população, que supunha tratar-se dum fogo. Subiu-se depois que o alarme visava a reunir os bombeiros municipais para se entregarem à tarefa de esgotar a água das embarcações da firma Lobo & Freitas. Uns quinze bombeiros, pagos a 20\$00, se alforagaram nesse serviço, que costuma ser feito por dois ou três marítimos pagos a 9\$00 cada uma noite! Ora é bom saber-se que o alarme se deve ao facto de o pai do sr. Freitas ser empregado num armazém de vinhos onde está empregado também o comandante dos bombeiros municipais, que agora estão atraídos para os fragateiros do Douro.

No sábado resolveram estes transigir, adoptando o regime de 9 horas, o que ainda não foi aceite pelos patrões, sempre influenciados pelo sr. Freitas, que conseguiu a generalização do «lock-out».

Segunda-feira nova conferência realizada com as comissões dos litigantes com o governador civil, que procurou vencer os patrões da razão que assistia aos «lock-outados», nada tendo conseguido porque o sr. Freitas declarou terminantemente, em nome dos seus colegas, que nada tinha com a lei das 8 horas de trabalho e que continuaria intransigente.

Em face desta atitude resolveu a assembleia dos marítimos que uma comissão, composta de Alvaro da Silva e José Francisco Lopes Júnior, viesse a Lisboa entender-se com o ministro do Trabalho a fim de que fosse os renitentes patrões a cumprir aquela lei.

A comissão, acompanhada de dois delegados da Federação Marítima, avisou-se ontem com o secretário do referido ministério, que deve recebê-la hoje.

DI-LO TODA A GENTE
que são os fabricantes

Donas da Covilhã

que mais barato vendem, directamente ao público, as melhores e mais bonitas fazendas de lá para

Fatos e vestidos

Depósitos de venda a retalho:

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 392-A.

Festas associativas

Descarregadores de Mar e Terra de Aldegaleta

Deve amanhã inaugurar-se em Aldegaleta a Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra, para o que se efectuará, pelas 16 horas, uma sessão solene e de propaganda sindical, fazendo uso da palavra delegados da C. C. T., Federação Marítima e outros militantes operários de Lisboa, Barreiro e Seixal.

Aos organismos que, por lapso, não receberam convite para esta sessão, ficam por este meio convidados a fazer-se representar.

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reuniu ontem o conselho central estando presentes os delegados dos seguintes organismos: Compositores e Impressores tipográficos, Litógrafos e anexos, Fabricantes de Papel de Tomar, Conselho Inter-Federal e Núcleo de Viana do Castelo.

Foram apreciados dois officios: um da Secção de Unificação da C. G. T. sobre a indicação dum individuo para ir organizar as classes trabalhadoras e dirigir um órgão sindicalista no Funchal; o outro do Conselho Inter-Federal dando conta dos trabalhos levados a efeito no Norte para evitar que viessem tipógrafos trabalhar para Lisboa.

Por último foi apreciado um trabalho do secretariado diligenciando a Federação para que tenha a mais rápida execução. Quanto à publicação de «O Gráfico» reconheceu-se a impossibilidade de publicá-lo com os fundos existentes.

S. U. da Construção Civil. — Secção dos Estuadores. — Reuniu ontem a comissão administrativa que apreciou uma carta de Artur Pinho Alonso, sendo resolvido convidar todos os camaradas a abrirem quetes para a sua companhia.

CONVOCAÇÕES

Federação Corticeira Nacional. — Reúne amanhã, pelas 10 horas, na sede da Associação dos Corticeiros do Barreiro, o Conselho Federal deste organismo, conjuntamente as direcções dos Sindicatos Corticeiros de Lisboa e arredores, para se occupar de assuntos graves.

Também reúne, pelas 12 horas, a classe corticeira do Barreiro, para tomar conhecimento das resoluções desta Federação e resolver o caminho a seguir.

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Conselho Federal. — Para apreciar e resolver sobre um officio do Sindicato do Pórt, e também uma comunicação do comité do Norte, reúne hoje, pelas 21 horas, sendo necessário a presença de todos os delegados dada a importância destes assuntos.

Manipuladores de pão. — Reúnem amanhã, às 17 horas, em assembleia geral, para tratar entre outros assuntos, das reclamações da classe. Os que tiverem listas em seu poder devem entregá-las na referida assembleia.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina. — Convidam-se a reunir hoje, pelas 21 horas, as comissões administrativas das Secções sindicais da C. Civil, Metalúrgica, Cabouqueiros e Fabricantes de Cal, juntamente com esta comissão para tratar do desenvolvimento sindical nesta área, assim como outros assuntos da máxima importância.

Comissão da festa pré-escola sindical. — Reúne hoje, pelas 20 horas, conjuntamente com o secretário geral da comissão central para apreciar um assunto urgente.

SINDICATOS

DA PROVINCIA

Corticeiros de Alhos Vedros. — A fim de tomar conhecimento da greve dos rolheiros mecânicos da firma Cabeçadas Lda. e tomar resoluções sobre o mesmo, reuniu o operariado corticeiro desta localidade no dia 17 do corrente, com a presença de dois delegados directos da sua Federação.

Pelos citados delegados foi exposto o início do movimento e o estado em que se encontra e assim como a orientação da Federação em face do mesmo, com o qual uma parte dos camaradas não concordaram, pois que se constatou uma completa dualidade de critério que presidiu à orientação do movimento pelo que depois de viva discussão, foi aprovada uma moção com a seguinte conclusão: «Nomear uma comissão a fim de aconselhar o pessoal que queira ir trabalhar com as máquinas dos grevistas da Estrela, para que não o organice, expondo-lhe as razões da organização corticeira».

No dia 19 reuniu novamente o pessoal corticeiro da localidade para apreciar um officio da firma Cabeçadas e a nota officiosa da Federação Nacional.

Sobre a carta e resolvido que a mesma baixe à Federação pelo que a direcção e o delegado da secção ficaram incumbidos de serem seus portadores à próxima reunião do conselho federal da F. C. N. e que se effectua no Barreiro.

Sobre a nota officiosa da Federação, na parte da convocação da sessão do Barreiro, é aprovada uma proposta, para que o pessoal desta localidade se faça representar nessa sessão com a máxima força, e assim como razões que delegados a fim explicar as razões que levaram os corticeiros de aqui a tomar a atitude que tomaram a cerca da greve da Estrela. Foram nomeados João Sebastião, António Portela e Manuel Lima.

Os corpos gerentes do sindicato apelam para os corticeiros de Alhos Vedros a fim de comparecerem na sua totalidade na reunião do Barreiro conforme a convocação da F. C. N.

Liga das Artes de Vição Portuense. — Reuniu a comissão administrativa deste organismo no dia 19 do corrente, pelas 21 horas, a fim de apreciar delvivo expediente e dar-lhe o devido despacho.

Entre outros assuntos de carácter reservado, apreciou a situação económica dos mineiros de S. Pedro da Cova, e resolveu prestar-lhes a solidariedade ao alcance desta comissão administrativa. Mais resolveu convocar uma assembleia magna para o dia 25 do corrente (quarta-feira próxima) a fim de ser apreciada a forma como o pessoal de diversos ramos vem sendo perseguido e tomar resoluções em face do encarecimento constante da vida.

Rurais de Montoito. — Conforme a deliberação tomada, em sessão, pelos seus sócios, foi dissolvida a cooperativa, resolvendo-se, que o dinheiro existente fosse distribuído por aqueles.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

Teatro Maria Vitória

HOJE

Récita do actor Ferreira e do ponto da Companhia com a revista

De Capote e Lenço

Ultimas noticias

A GREVE DE S. PEDRO DA COVA

Chegaram mais 100 crianças que eram aguardadas por numerosos operários

PORTO, 21. — Chegaram ontem, às 18 horas ao Largo do Santo André dois caminhões com cerca de 100 filhos dos mineiros de S. Pedro da Cova. Eram aguardados por uma grande multidão de operários que rompem aos vivas aos grovistas e à solidariedade operária. As crianças, onceminhadas pelo operários dirigiram-se para a sede da U. S. O. na rua de Entreparedos. Da janota discourram vários militantes operários. Esteve interrompido o trânsito, tendo intervido a guarda republicana e a policia que fizeram dispersar a multidão.

As crianças seguiram para casa dos operários que as tomaram a seu cargo.

Sociedade das Nações

A admissão da Etiópia

GENEVA, 21. — A comissão de admissão à Liga das Nações, depois de ouvir os delegados italiano e francês falar a favor da admissão da Etiópia, resolveu unanimemente recomendar a sua admissão logo que a delegação etíope, tendo assinado a declaração garantindo a abolição da escravatura.

A questão de Fiume

Um campo de rixas e desordens LONDRES, 21. — Vários jornais ingleses dizem que a nomeação de Giardino como governador de Fiume, foi feita para se evitar as manifestações violentas dos irregulares contra a Yugoslávia. Os passados acontecimentos mostram que a autonomia de Fiume foi um fracasso e que a cidade entregue a si própria se tornaria o local de rixas e desordens que afectariam as boas relações entre a Itália e a Yugoslávia, que a Itália deseja manter a todo o transito. Mussolini está disposto a resolver este problema energicamente...

NA BULGARIA

Revolução comunista?

LONDRES, 21. — Chegaram as mais contraditórias notícias da Bulgária. Ao passo que de Sofia comunicam que o governo prendeu todos os chefes comunistas implicados nos recentes tumultos, outras informações falam dum incremento de revolução comunista ao sul de Sofia.

Universidades, Academias e Escolas

Escola Primária Superior «Ribeiro Sanchez». — Encontra-se já aberto o prazo para entrega de requerimentos para a matrícula do primeiro, segundo e terceiro ano desta Escola.

TEATRO APOLO

Ainda esta noite a deliciosa peça

As Pupilas do Senhor Reitor

BREVEMENTE

Festa artística da actriz-empresária Maria Matos com o original português

RENASCER

SECÇÃO TELEGRAFICA

PELO PORTO

LIXO, POLÍTICA & C.

As façanhas da Câmara Municipal — As acintosas perseguições aos radicais — A carestia — Tudo a pedir taponar

PORTO, 19. — A nossa Domus Municipal é a coisa mais extraordinária que deus ao mundo deitou. Reme sempre contra a maré da opinião pública, de quem desdenha. Lança sempre, pertencendo, e se furtando anozel a treva-meubunda, pesca das multas e dos variados impostos agravados. A entrada da ponte Luís I érica-a de casotas tributárias, transformando-a num pinhal de Azambuja, onde uma quadrilha de pessoal insolente não deixa passar um alfinete sem o respectivo papelinho de aliciação.

Terminaram as barreiras do Estado, alargaram-se as fronteiras camarárias. Alargaram-se, mas no sentido da escamoteação...

O zelo administrativo da Ex.^{ma} consiste todo em estender as suas garras aducnas e cravá-las no dorso dos municípios, excepto se são amigos, excepto se são da panela...

Tirante esta política económica dos nossos estimadíssimos edis, para quem não há a menor dúvida de arranjinhos a esconder-lhes a sua reconhecida honrabilidade, tudo o mais se resume na celebração da festa de Cambrone, porque, de facto, a cidade é um monumento vivo e erecto àquele heróico arremesso, o qual, se fosse hoje, não iria direito aos ingleses, mas eloquentemente chapado aos que se apropriaram do município desta desdita «dobra da guisada»...

Em matéria de competências, os actuais vereadores já têm feito as suas provas. A questão das carnes entregou-a às companhias fornecedoras, aos monopolistas do mercado. A questão das águas vai entregar-lhe a cheia, os encurruados da quadra liberal que está erguendo o batente da visinhança...

São uns alhos estes nossos adoutadores vereadores. E tanto mais alhos porros, quanto é certo que agora, por uma questão de economia — eles são muito económicos os perulários da bórrea — vão entregar a limpeza das ruas às senhoras das pernas compridas, que em giria camarária significa o torrencial das chuvas...

A cidade é um esterqueleto, é uma montureira, é uma lixeira imunda, uma sentina cujos depositários fundos se encontram na cloada do Barredo, que já mais será arrejada, que já mais terá sifão... É uma vergonha, é um escarro, é um vômito, é um foco de permanente imundície a envenenar-nos a saúde, e espalhar-nos todas as pestes, a brindar-nos com a morte...

Nada mais fácil do que esta solução dada pelos doutores da nossa Câmara: entregar os serviços a um indivíduo que espertou furo, o qual, por sua vez, tratou de...

Admitir uma chusma de fiscais e sub-fiscais, com chorudos estipêndios, e nomear dois novos directores dos serviços da limpeza... porca, remunerar os seus mensalmente com a insignificância de... alguns contos...

Depois, para complemento da obra desinfectora, despedir à ordem dos ditos directores — dr. Velga Pires e engenheiro Amaral — 220 varredores e carroceiros, alguns apontadores-vigias e um amanuense, porque, não olhando à verba camarária, esgotaram-na com os favores...

E pronto, está a questão resolvida, racinhamos, e tantos homens não chegavam para remover a porcaria da cidade. Agora só 80, cada um com o seu fiscal e sub-fiscal, e mais o dr., e mais o engenheiro, são o suficiente...

Com regular concorrência saíram ontem da Morgue os funerais de Raúl Monteiro, o «Espanhol de Alfama», aquele indivíduo que há dias foi ferido a tiro na rua das Pedras Negras, e Mercedes Soares, que há dias foi ferida a tiro em Alges, caso que largamente noticiamos.

Os cadáveres ficaram depositados no cemitério Oriental.

Os únicos que tiveram juízo, apesar de não serem camaristas nem doutorados, foram os 80 operários que ficaram ao serviço, os quais, em face de tamanha injustiça, se solidarizaram com os seus colegas inesperadamente postos à margem...

É que, afinal, nem tudo é... excremento.

A política não melhorou. Antes pelo contrário, continua azeda.

Os radicais, indignados com as perseguições de que estão sendo alvo, foram até junto do chefe do distrito entregar-lhe uma representação dirigida ao ministro do Interior, no qual euforicamente se protestava contra as perseguições ultimamente efectuadas a pretexto da explosão.

Fôram recebidos na ponta do chafalho. De sobrenome carregado, atitude de miniamente autoritária, orgulhosa, hostil, o chefe do distrito, que é o substituto em exercício, repeliu a representação, com toda a repulência democrática...

Chegamos, depois, a saber quais as razões que levaram o governador a não aceitar o documento radical.

Era radical de mais: tinha frases vibrantes, alusões acerbadas e duras, declarações peremptórias e ativas, sentenças energéticas mas justas...

Ora uma representação, desde que é endereçada a uma figura proeminente e prestigiosa dos poderes constituídos, deve ser redigida — pensam assim todos os mandantes — em termos humildes, respeitosos, subversivos, implorando perdão ou mendigando benevolência, tenha ou não razão a parte impetrante...

Mas o documento não estava naquelas condições. Daí o ser considerado incorrecto e não aceite...

«E no entanto, — diz um dos magoados com esta prosa governamental — e no entanto, o chefe do distrito é que foi incorrecto, tanto mais incorrecto, quanto é parte suspeita»...

A coisa compreende-se. O chefe do distrito é um dos directores do jornal A Tribuna, que tem atacado os radicais, isto é: os seus partidários e amigos de ontem. Há quem tenha suposto que o príncipe de Mendes Barboza e os membros dos corpos directivos do Centro Radical, obedecem a uma vingança do chefe do distrito, o qual, pertencendo à aludida gazeta, se aproveitou da sua situação oficial para perseguir os seus adversários políticos mas repulblicos...

Se é assim ou não, eles melhor o sabem.

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

Diz-se também: «Acusam-nos de bombistas, os de A Tribuna. Mas não se lembram daquelas ocasiões em que recorriam a nós e às bombas para defendermos as suas pessoas e o jornal de qualquer assalto dos integralistas e outros políticos»...

O caso é que as comissões políticas distrital, municipal e de freguesia resolveram, numa reunião conjunta, publicar um manifesto ao país expondo-lhes as razões da atitude que o partido radical vai tomar, enviar ao chefe do Estado um telegrama de protesto contra o procedimento do chefe do distrito e oficial nesse sentido ao directório.

Quanto ao ser dito na capital que no partido radical se estão a formar monárquicos, esta asserção é repelida pelos esquerdistas republicanos.

«Isso talvez se entenda — diz alguém — com os correligionários da rua Duque de Loulé. Bem sabemos: o que lhes dói é ver que o partido radical, tanto no Porto, como na província, está a engrossar a olhos vistos, pósto que todos conhecem que é preciso que a República caminhe para a frente e não para trás. Pois que tenham paciência»...

Quem não devia ter paciência era o consumidor pobre, o qual está a sentir os efeitos da nova ofensiva comercial. Enquanto os políticos se agatam, os nossos patriotas de balcão vão, diariamente, decaradamente, aproveitando-se das barafundas partidárias e dos boatos terroristas das revoluções na forja...

Não se assustam, não pesam as responsabilidades, não olham as consequências que possam surgir, não mediam na «evanche» que o desespero um dia pode inspirar às multidões pauperadas...

Aumentam a todos os géneros, sempre e sempre numa ganância leroz, foida, incoercível...

É fenomenal, é pavoroso, é único. Para isto as autoridades não olham, cumprides estão com a ladroagem mercantil.

Mas é natural que reparem, procurando esmagá-la, para qualquer greve que venha a dar-se, como lógico efeito do novo e deastatado agravamento da carestia da vida...

E tanto receio tem às revoltas, e tantas prevenções se fazem na polícia e no exército, e tanto a boca enchem com a ordem social...

E todavia, tudo isto está a pedir tapona, mas uma tapona radicalíssima... Lá isso está...

Francisco Pinto dos Santos

No cemitério do Alto de S. João. Foi ontem sepultado Francisco Pinto dos Santos, tipógrafo da casa de obras do Diário de Notícias.

O funeral foi muito concorrido tendo-se organizado vários turnos por colegas da oficina onde trabalhava, dos quadros dos jornais diários e por pessoas de família e amizade.

Realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da morgue para o cemitério do Alto de S. João, o funeral de Luciano da Silva, aquele condutor de carroças que, em 13 do corrente, foi atropelado por um camião no Terreiro do Trigo, tendo sido o cadáver autopsiado ontem.

Prisões preventivas há 18 meses!

De Raúl Ernesto Sarmento, que se encontra detido na enfermaria da cadeia do Limoeiro, recebemos uma carta em que nos comunica o seguinte:

Em 21 de Março de 1922 foi presa uma suposta quadrilha que, no dizer da polícia, infestava os corredores. Foi preso de já serem passados 18 meses, ainda se encontram em prisão preventiva os indivíduos que então foram detidos.

Já por quatro vezes se dirigiram por escrito ao Procurador Geral da República, mas parece que entidades misteriosas se opõem a que o processo siga os seus trâmites, inutilizando as reclamações que aquela autoridade tem sido enviada.

A primeira vez que Raúl Ernesto Sarmento reclamou foi em Março do corrente ano, por ver que já havia decorrido um ano e meio do processo à Relação em agravado dos acusados, sendo imediatamente julgado decreto por falta de preparo com ordem para baixar à primeira instância no prazo de 8 dias. Pois já são passados seis meses e não foi cumprida a lei, dormindo o processo e sono dos justos não se sabe onde, porque em face da 4.ª reclamação feita por aquele há dias ao ajudante do procurador, verificou-se que o maléfico processo ainda não tinha baixado à primeira instância, andando dois oficiais a procurá-lo!

Diz-nos mais o sinatário da carta que contraiu na prisão uma doença incurável e tem documentos comprovativos da sua inocência. A sua família está vivendo por esmola no Pátio das Parreiras, ao Limoeiro, 4, por não ter casa para residir e a miséria ser enorme.

Espera o sinatário que sejam dadas providências, fazendo aparecer o processo a fim de serem julgados os acusados.

misterioso — há muito tempo já que procuro perceber como é que um relógio pode indicar as horas. E meio dia, e ele bate duas horas. Como é isto? É um simples pedaço de cobre, feito de maneira a saber as horas exactas... Um homem, por exemplo, pode calcular as horas, olhando para o sol... Um animal não compreende nada, nem tem necessidade de perceber; vive sem isso. E os relógios não são mais que pequenas rodas de metal... e...

Wania tinha dores de cabeça. Caminhava ao lado da camarada, escutava-lhe a arenga incompreensível e pensava no que faria Salakine, quando tivesse vendido as botas. Se ele lhe desse ao menos metade do dinheiro gasto... E fixando o seu olhar no de Salakine, perguntou-lhe:

— Quando vais vender as botas?

— Vamos tomar chá e iremos depois a isso. Mas, camarada, há muito tempo que penso nesta coisa do relógio. Tenho pedido explicações a muita gente, a pessoas inteligentes... Um diz uma coisa, outro diz outra... mas nada compreendo.

— E que necessidade tens de o saber?

— Ora! porque me interessa. Um homem... tem uma cabeça... e pensa... Mas estas pequenas rodas?

Salakine falava com tanta volubilidade e entusiasmo do mistério dos relógios que Wania foi partilhando da animação do seu companheiro e começou também a perguntar a si próprio como é que os relógios sabem as horas. E enquanto beberam o chá discutiram esta questão com obstinada perseverança.

Em seguida foram vender as botas, que renderam dois rublos e quarenta kopecks. Salakine estava desgozoso com tam baixo preço, tam desgostoso, que, no mesmo instante, convidou Wania a ir à taberna, onde gastou um rublo inteiro. E mais tarde, de noite, já cambaleantes e falando em alta voz, quando se dirigiam ao asilo noturno, no bôlso de Salakine tintavam quatro moedas de cobre, de cinco kopecks cada uma; era tudo o que lhe restava, como recordação das botas, Wania agarrava-lhe a mão, empurrava-lhe o ombro e dizia-lhe alegremente:

— Irmão, estimo-te como a um parente próximo. Juro-te! Meu amigo, meu caro amigo, aqui me tens, pertencendo-te, daria a minha alma por ti. Escarrancha-te às minhas costas, carregarei contigo toda a vida.

— Pobre idiota — murmurava Salakine. — Deixa-te disso; sempre teremos de que viver. Amanhã iremos vender-nos a nós mesmos. Que o diabo leve o mundo inteiro!

TEATROS & CINEMAS

Na opereta «A Severa» que sobe à scena na Avenida, na terça-feira, entra toda a companhia, realizando na quarta-feira, com a segunda representação desta peça, a sua festa o actor Abílio Baptista, director da mesma companhia.

Os mestres Del Negro e Alves Coelho estão escrevendo música adequada, para a revista de Eduardo Schwalbach intitulada «Pé de meia», inaugurando a temporada de inverno no Apolo, a companhia Otelo de Carvalho.

Hoje ninguém deve deixar de ir ao Nacional ver a impagável peça «O cabeça de turco» em que Joaquim Costa e Alegrem tem pilhas de graça. É este o espectáculo mais alegre da actualidade.

Continua sendo enorme a concorrência ao Avenida Parque onde se reúnem milhares de pessoas.

«As Pupilas do sr. Reitor», peça considerada verdadeiramente «macote», está obtendo no Apolo um verdadeiro sucesso, maior ainda do que da primeira série, enchendo-se o elegante teatro todas as noites.

Contribuir para que desperteis da mórbida sonolência de que estais sofrendo, é o meu dever de militante operário e de vítima da vossa pernicioso inação.

Não deveis esquecer que tem sido o vosso sindicato profissional que tem conseguido que o patronato vos reconheça o direito à vida.

Compenetrar-vos que é dentro dele que podereis libertar-vos dos preconceitos que uma educação de embuste vos obrigou a aceitar como indiscutíveis preceitos morais. Só dentro dele vos tornareis aptos a ingressar numa nova realidade em que a exploração do homem pelo homem seja apenas uma triste recordação dum passado de ignorância e tirania.

O sindicato é tudo! Ele consubstancia o sublime ideal de redenção humana!

Desperta, pois! A hora que passa é de preparação intensa para um futuro melhor, sendo inadmissível portanto a vossa apatia criminoso.

Mundo em fôrça rebôa já o dobre de finados por uma sociedade que viveu dos mais hediondos crimes e que o despedaça das algemas seculares vai atirar para o museu da história.

Não vos demoreis, camaradas. Acorrei a vosso sindicato que vos garantirá e a vossas famílias um pouco mais de bem estar!

Trabalhadores: LEDE A «A BATALHA»

Os que morrem FUNERAIS

Francisco Pinto dos Santos

No cemitério do Alto de S. João. Foi ontem sepultado Francisco Pinto dos Santos, tipógrafo da casa de obras do Diário de Notícias.

O funeral foi muito concorrido tendo-se organizado vários turnos por colegas da oficina onde trabalhava, dos quadros dos jornais diários e por pessoas de família e amizade.

Realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da morgue para o cemitério do Alto de S. João, o funeral de Luciano da Silva, aquele condutor de carroças que, em 13 do corrente, foi atropelado por um camião no Terreiro do Trigo, tendo sido o cadáver autopsiado ontem.

Prisões preventivas há 18 meses!

De Raúl Ernesto Sarmento, que se encontra detido na enfermaria da cadeia do Limoeiro, recebemos uma carta em que nos comunica o seguinte:

Em 21 de Março de 1922 foi presa uma suposta quadrilha que, no dizer da polícia, infestava os corredores. Foi preso de já serem passados 18 meses, ainda se encontram em prisão preventiva os indivíduos que então foram detidos.

Já por quatro vezes se dirigiram por escrito ao Procurador Geral da República, mas parece que entidades misteriosas se opõem a que o processo siga os seus trâmites, inutilizando as reclamações que aquela autoridade tem sido enviada.

A primeira vez que Raúl Ernesto Sarmento reclamou foi em Março do corrente ano, por ver que já havia decorrido um ano e meio do processo à Relação em agravado dos acusados, sendo imediatamente julgado decreto por falta de preparo com ordem para baixar à primeira instância no prazo de 8 dias. Pois já são passados seis meses e não foi cumprida a lei, dormindo o processo e sono dos justos não se sabe onde, porque em face da 4.ª reclamação feita por aquele há dias ao ajudante do procurador, verificou-se que o maléfico processo ainda não tinha baixado à primeira instância, andando dois oficiais a procurá-lo!

Diz-nos mais o sinatário da carta que contraiu na prisão uma doença incurável e tem documentos comprovativos da sua inocência. A sua família está vivendo por esmola no Pátio das Parreiras, ao Limoeiro, 4, por não ter casa para residir e a miséria ser enorme.

Espera o sinatário que sejam dadas providências, fazendo aparecer o processo a fim de serem julgados os acusados.

misterioso — há muito tempo já que procuro perceber como é que um relógio pode indicar as horas. E meio dia, e ele bate duas horas. Como é isto? É um simples pedaço de cobre, feito de maneira a saber as horas exactas... Um homem, por exemplo, pode calcular as horas, olhando para o sol... Um animal não compreende nada, nem tem necessidade de perceber; vive sem isso. E os relógios não são mais que pequenas rodas de metal... e...

Wania tinha dores de cabeça. Caminhava ao lado da camarada, escutava-lhe a arenga incompreensível e pensava no que faria Salakine, quando tivesse vendido as botas. Se ele lhe desse ao menos metade do dinheiro gasto... E fixando o seu olhar no de Salakine, perguntou-lhe:

— Quando vais vender as botas?

— Vamos tomar chá e iremos depois a isso. Mas, camarada, há muito tempo que penso nesta coisa do relógio. Tenho pedido explicações a muita gente, a pessoas inteligentes... Um diz uma coisa, outro diz outra... mas nada compreendo.

— E que necessidade tens de o saber?

— Ora! porque me interessa. Um homem... tem uma cabeça... e pensa... Mas estas pequenas rodas?

Salakine falava com tanta volubilidade e entusiasmo do mistério dos relógios que Wania foi partilhando da animação do seu companheiro e começou também a perguntar a si próprio como é que os relógios sabem as horas. E enquanto beberam o chá discutiram esta questão com obstinada perseverança.

Interesses de classe

Aos operários barbeiros

Desgraçadamente — com mágoa o dizem — os operários barbeiros estão longe de compreender os deveres sindicais.

A sua deficiente instrução e o meio em que exercem a sua actividade tornam-nos, na generalidade, uns manequinhos facilmente maneáveis pelos patrões e que recebem a influência directa das opiniões da clientela, quasi sempre conservadoras.

Mas por que os tempos tem mudado e reclamam acção enérgica por parte de todos os trabalhadores, é necessário que esta classe mude de orientação ingressando em massa no respectivo sindicato profissional, pois só assim conseguirá suavizar as suas condições de trabalho. Uma das regalias imediatas a conquistar é a supressão do trabalho nocturno que lam rudemente abala a saúde.

Mas como o conseguir continuando vós, camaradas, desunidos, indiferentes por tudo a que interessa a organização operária?

Contribuir para que desperteis da mórbida sonolência de que estais sofrendo, é o meu dever de militante operário e de vítima da vossa pernicioso inação.

Não deveis esquecer que tem sido o vosso sindicato profissional que tem conseguido que o patronato vos reconheça o direito à vida.

Compenetrar-vos que é dentro dele que podereis libertar-vos dos preconceitos que uma educação de embuste vos obrigou a aceitar como indiscutíveis preceitos morais. Só dentro dele vos tornareis aptos a ingressar numa nova realidade em que a exploração do homem pelo homem seja apenas uma triste recordação dum passado de ignorância e tirania.

O sindicato é tudo! Ele consubstancia o sublime ideal de redenção humana!

Desperta, pois! A hora que passa é de preparação intensa para um futuro melhor, sendo inadmissível portanto a vossa apatia criminoso.

Mundo em fôrça rebôa já o dobre de finados por uma sociedade que viveu dos mais hediondos crimes e que o despedaça das algemas seculares vai atirar para o museu da história.

Não vos demoreis, camaradas. Acorrei a vosso sindicato que vos garantirá e a vossas famílias um pouco mais de bem estar!

Trabalhadores: LEDE A «A BATALHA»

Os que morrem FUNERAIS

Francisco Pinto dos Santos

No cemitério do Alto de S. João. Foi ontem sepultado Francisco Pinto dos Santos, tipógrafo da casa de obras do Diário de Notícias.

O funeral foi muito concorrido tendo-se organizado vários turnos por colegas da oficina onde trabalhava, dos quadros dos jornais diários e por pessoas de família e amizade.

Realiza-se amanhã, pelas 14 horas, da morgue para o cemitério do Alto de S. João, o funeral de Luciano da Silva, aquele condutor de carroças que, em 13 do corrente, foi atropelado por um camião no Terreiro do Trigo, tendo sido o cadáver autopsiado ontem.

Prisões preventivas há 18 meses!

De Raúl Ernesto Sarmento, que se encontra detido na enfermaria da cadeia do Limoeiro, recebemos uma carta em que nos comunica o seguinte:

Em 21 de Março de 1922 foi presa uma suposta quadrilha que, no dizer da polícia, infestava os corredores. Foi preso de já serem passados 18 meses, ainda se encontram em prisão preventiva os indivíduos que então foram detidos.

Já por quatro vezes se dirigiram por escrito ao Procurador Geral da República, mas parece que entidades misteriosas se opõem a que o processo siga os seus trâmites, inutilizando as reclamações que aquela autoridade tem sido enviada.

A primeira vez que Raúl Ernesto Sarmento reclamou foi em Março do corrente ano, por ver que já havia decorrido um ano e meio do processo à Relação em agravado dos acusados, sendo imediatamente julgado decreto por falta de preparo com ordem para baixar à primeira instância no prazo de 8 dias. Pois já são passados seis meses e não foi cumprida a lei, dormindo o processo e sono dos justos não se sabe onde, porque em face da 4.ª reclamação feita por aquele há dias ao ajudante do procurador, verificou-se que o maléfico processo ainda não tinha baixado à primeira instância, andando dois oficiais a procurá-lo!

Diz-nos mais o sinatário da carta que contraiu na prisão uma doença incurável e tem documentos comprovativos da sua inocência. A sua família está vivendo por esmola no Pátio das Parreiras, ao Limoeiro, 4, por não ter casa para residir e a miséria ser enorme.

Espera o sinatário que sejam dadas providências, fazendo aparecer o processo a fim de serem julgados os acusados.

